

O frango dá mais um salto

Aquecido pelo Plano Real, o produto ganha mais fatias no mercado de carnes

Roberto Nicolato
(Curitiba-PR)

Em 94, o frango deu mais um salto para superar os níveis de consumo da carne bovina no Brasil. Apoiado no preço mais acessível ao consumidor e na tese de que há cada vez mais propensão da sociedade em consumir carnes brancas, o produto experimentou um aumento de 8,5% em relação a 93. A produção do ano passado foi de 3,4 milhões de toneladas, a maior já ocorrida no Brasil, com previsão de mais crescimento em 95.

Segundo o analista de mercado da empresa Terra - Consultoria e Commodities, José Brenny Neto, o consumo per capita de carne de frango passou de 16 kg, em 93, para 18 kg em 94. As estimativas são de que chegue à média de 21 kg/ha até o final deste ano. Atualmente, o consumo de carne bovina - levando em conta o abate clandestino, que corresponde a 50% - estaria na faixa de 22 a 23 kg/ha/ano. Mas se fosse seguir apenas os indicativos oficiais - a Conab aponta consumo de 14,5 kg/ha/ano -, a preferência pelo carne de frango já estaria consolidada há alguns anos.

Queda na cotação

Na primeira quinzena de janeiro, o preço do quilo do frango vivo nas granjas estava cotado no Paraná a R\$ 0,65 contra R\$ 0,95 em meados de dezembro. A queda de 38% no preço foi provocada pelas férias escolares e pelos excedentes de produção do final do ano, quando houve um aumento considerável na oferta e na procura do produto. Em dezembro, a produção nacional foi de 312 mil toneladas e neste mês de janeiro deve ficar em 280 mil t.

O desequilíbrio na oferta e na procura, por sua vez, está beneficiando o consumidor. O produto, que estava sendo vendido a até R\$ 1,60 o kg no varejo, no ano passado, baixou para R\$ 1,38 em meados deste mês e agora está a R\$ 1,18. Este preço resultou de

um acerto entre a Associação Paranaense dos Supermercados (Apras), o Sindicato dos Avicultores do Paraná, a Coordenadoria Estadual de Defesa do Consumidor (Procon) e a Sunab. Esta redução pode ser explicada também pela estabilização nos preços da ração.

Exportação em alta

As exportações de frango em 94 também estiveram em alta, apesar da política cambial desfavorável. Segundo o consultor agropecuário, José Brenny, foram exportadas no ano passado entre 485 mil a 490 mil toneladas com um aumento de 17% se comparado com 93 - cerca de 417 mil t. Os principais compradores foram os países do Oriente Médio, a Argentina e alguns países asiáticos, como o Japão.

Apesar do mercado favorável, o presidente da Associação Paranaense de Avicultura (Apavi), Laércio Faustino Cardoso, acha que é preciso estabelecer uma política para o setor pecuário a exemplo do que ocorre com os produtos agrícolas. Segundo ele, o governo deve reunir as lideranças e ouvir as propostas de cada setor. Ele critica as importações de carne nos últimos anos, que considera desnecessárias, e a alta tributação dos produtos agropecuários.

Para exemplificar a alta carga tributária, Laércio Cardoso diz que na comercialização da carne bovina e do ovo o governo abocanha 33% e no caso do frango, 25%. O presidente da Apavi explica que a entidade está formulando várias sugestões que serão encaminhadas aos governos federal e estadual. Uma delas propõe o fim dos impostos sobre os produtos que compõem a cesta básica.

O ovo na contra-mão

Ao contrário do frango, o ovo não está acompanhando o aumento nas vendas provocado pelo Plano Real. Segundo o presidente da Apavi, o consumo de ovo no



Plano Real provocou aumento nas vendas do setor avícola.

Brasil continua baixo - em torno de 90 unidades per capita em 94 - e o preço pago nas granjas não oferece rentabilidade ao avicultor. "A oferta é maior que a procura e os custos são altos. Em resumo, o avicultor está pagando para produzir", afirma o Laércio Cardoso.

Além de experimentar uma queda no preço do produto, como ocorre tradicionalmente neste começo de ano, os avicultores estão sendo pressionados com os

aumentos nos custos. "Na virada do ano, por exemplo, as indústrias que vendem as embalagens aumentaram seus preços em até 25%, mostrando que ainda continuam contaminadas pelo velho vício inflacionário", dispara o presidente da Apavi. "Estamos fazendo gestões junto à Sunab para tentar coibir estes aumentos", diz Laércio Cardoso.

Segundo ele, a produção de uma dúzia de ovos na granja está custando ao produtor cerca de R\$

0,55. No entanto, ele está vendendo o produto a R\$ 0,40 a dúzia. Em compensação, afirma, o que se verifica é uma grande discrepância nos preços quando o produto chega ao consumidor. Os preços variam de R\$ 0,70, para o comum, até R\$ 1,20 para o extra. "O problema é que ao contrário do setor de frangos, os avicultores que trabalham com o ovo são independentes e têm que participar de todo o processo de produção, não tendo onde se apoiar", finaliza.

Preço do boi sofre queda, mas fica acima da média

Como tradicionalmente acontece, a arroba do boi gordo sofreu uma queda no preço neste começo de ano. Em dezembro, o mercado paranaense estava trabalhando no patamar de R\$ 27,00, caindo para R\$ 24,00 neste mês de janeiro. Mesmo assim, o preço praticado ainda está acima da média registrada nos últimos anos para esta mesma época - entre R\$ 18,00 e R\$ 20,00.

De acordo com o consultor agropecuário, José Brenny Neto, da empresa Terra - Consultoria e Commodities, a cotação do boi gordo só não caiu mais por causa menor oferta provocada pelas chuvas intensas, que dificultaram o embarque dos animais das propriedades até os frigoríficos, e pelo abate intenso de matrizes no ano passado, quando os pecuaristas aproveitaram a alta nos preços. O preço da arroba em 94 foi o maior da década: chegou a atingir R\$ 35,00.

Segundo o analista de mercado, as vendas de carne bovina no varejo cresceram em média 8% no ano passado e nos meses de novembro e dezembro aumentaram em torno de 20%. Para 95, o mercado deverá crescer em torno de 10% a permanecer a estabilidade econômica no país, segundo Brenny. Ele disse ainda que devido à redução no consumo, os frigoríficos estariam operando com ociosidade de 40% a 50%.

Ocepar quer fazer reforma agrária

As cooperativas têm projetos para assumir a execução da reforma agrária no Paraná. O presidente da entidade, Dick Carlos de Geus, vai apresentá-los ao governador Jaime Lerner e ao ministro da Agricultura José Eduardo de Andrade Vieira, numa tentativa de provar que a iniciativa privada pode ser muito mais eficiente na condução dos assentamentos do que o governo.

Projetos semelhantes, conduzidos pela iniciativa privada, já existem em outras regiões do país, afirmou De Geus, o que prova que são viáveis. Citou como exemplo o pólo de produção irrigada de frutas e verduras, no vale do São Francisco, interior da Bahia.

No Paraná, poderia ser aproveitada a infra-estrutura de produção e comercialização das cooperativas para promover a reforma agrária em algumas regiões, como no ramal da fome, onde poderiam ser desenvolvidos projetos de fruticultura e horticultura, com tecnologia, ilustrou. Segundo De Geus, os programas da iniciativa privada têm mais chances de serem bem sucedidos do que os de governo. E agora o momento é propício para se investir em projetos sociais, destacou.

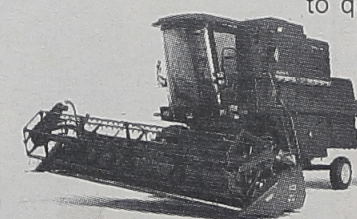
Para a viabilidade dessas idéias, no entanto, De Geus ressaltou que as cooperativas precisam ter acesso a financiamentos, necessários para bancar os assentamentos. O processo envolve além da aquisição da terra, a garantia da assistência técnica e o apoio na comercialização. As cooperativas receberiam a produção dos assentamentos, observou.

Da mesma forma, a Ocepar quer colocar a infra-estrutura das cooperativas à disposição das vilas rurais, projetadas por Lerner. De Geus justifica que o projeto é necessário socialmente, mas se tornará inviável se não tiver uma estrutura produtiva por trás. As cooperativas estão interessadas em firmar parcerias neste empreendimento, afirmou.



HANZ FASSBINDER - GUARAPUAVA - PR

"O bom dessa máquina é o grande desempenho, não quebra o grão e colhe mais limpo."



A diferença de ter uma colheitadeira SLC está em cada um dos grãos que você vai colher, mais limpos, inteiros e de maior valor comercial. Está no rendimento que você vai obter, colhendo áreas maiores em menos tempo. Está no menor índice de perdas que o exclusivo sistema de separação e limpeza da colheitadeira

ra SLC possui. Isso sem falar no respaldo técnico que só quem tem a mais ágil e bem estruturada rede de concessionários pode oferecer. Toda essa eficiência só podia ter um resultado: SLC, maior fabricante e exportador brasileiro de colheitadeiras. Se você também quer ter um ótimo resultado na sua lavoura, faça sua colheita com as colheitadeiras SLC. É nessa hora que você vai ver a grande diferença.



Seu melhor investimento.